



PSICANÁLISE

Maria Cecília Pereira da Silva

A paixão de formar

Sobre o mundo psíquico do professor apaixonado

3ª edição

Blucher

A PAIXÃO DE FORMAR

*Sobre o mundo psíquico do
professor apaixonado*

Maria Cecília Pereira da Silva

3ª edição

A paixão de formar: sobre o mundo psíquico do professor apaixonado, 3ª edição

© 2022 Maria Cecília Pereira da Silva

Editora Edgard Blucher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Produção editorial Ariana Corrêa

Preparação de texto Catarina Tolentino

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Ana Maria Fiorini

Capa Leandro Cunha

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da

editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Silva, Maria Cecília Pereira da

*A paixão de formar : sobre o mundo psíquico
do professor apaixonado / Maria Cecília Pereira
da Silva. – 3. ed. – São Paulo : Blucher, 2022.*

232 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-450-6

1. Psicologia educacional. 2. Professores e
alunos. 3. Psicanálise. I. Título.

22-4344

CDD 370.15

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicologia educacional

Conteúdo

Prefácio da segunda edição <i>Madalena Freire</i>	7
Prefácio <i>Paulo Freire</i>	9
Introdução	15
1. Conceituação teórica	25
2. Os caminhos da descoberta	79
3. Sobre a paixão de formar	89
Conclusão	167
Posfácio	179
Glossário	203
Referências	223
Agradecimentos	231

1. Conceituação teórica

*O amor, quando se revela,
Não se sabe revelar.
Sabe bem olhar p'ra ela,
Mas não lhe sabe falar.
Quem quer dizer o que sente
Não sabe o que há de dizer.
Fala: parece que mente...
Cala: parece esquecer...
Ah, mas se ela adivinhasse,
Se pudesse ouvir o olhar,
E se um olhar lhe bastasse
Pr'à saber que a estão a amar!
Mas quem sente muito, cala;
Quem quer dizer quando sente
Fica sem alma nem fala,
Fica só, inteiramente!*

*Mas se isto puder contar-lhe
 O que não lhe ouso contar,
 Já não terei que falar-lhe
 Porque lhe estou a falar...*
 (Fernando Pessoa, “O amor quando se revela”)

Diálogo com os autores

Muito se tem escrito sobre professores e educação, educação e psicologia, educação e psicanálise, relação professor-aluno. Isso se deve à enorme trama que é a formação-educação, tarefa que exige seriedade e responsabilidade.

Há vários aspectos envolvidos na tarefa de educar: aspectos ideológicos, políticos, sociais, metodológicos, filosóficos, didáticos e psicológicos. Aqui, o objetivo é relacionar o campo psicológico com a educação.

A relação professor-aluno, como todas as relações humanas, é tomada pela transferência, que é um fenômeno psíquico nem sempre consciente. Estudar a relação professor-aluno do ponto de vista psicanalítico é uma contribuição importante para aqueles que se envolvem com a práxis educativa, pois a partir dela pode-se observar indicações úteis para a dinâmica dessas relações e, portanto, tomar conhecimento de possíveis ligações do mundo emocional com a aprendizagem.

Neste sentido, é valiosa a contribuição de Maria Cristina Kupfer (1982) em *Relação professor-aluno: uma leitura psicanalítica*, na qual estuda a relação professor-aluno do ponto de vista psicanalítico, buscando compreender as vicissitudes dessa relação utilizando os conceitos de *ideal do ego*, identificação e transferência

de Freud, e o conceito de desejo de Lacan, procurando por meio dessas teorias uma possível contribuição para a ação pedagógica.

Em *O desejo de saber: um estudo psicanalítico para educadores*, a mesma autora estuda a noção de desejo do saber a partir de uma visão psicanalítica. Ao fazer um estudo do conceito da pulsão de saber em Freud, Lacan e seus seguidores, procura aplicações e faz reflexões sobre o tema para a educação. Kupfer (1990) acredita ser possível entender que a posição do professor é análoga à do analisando e, ainda, estabelece uma relação de dependência mútua entre sexualidade e inteligência. Nesse estudo teórico, Kupfer procura estudar as instâncias psíquicas e a dinâmica emocional que, na relação professor-aluno, possibilitam o emergir da pulsão do saber na sua forma mais livre, produtiva e criativa.

Na dinâmica da transferência, que se estabelece na relação professor-aluno, tanto pode emergir uma relação construtiva que possibilite o desenvolvimento do ato educativo, quanto é possível que se estabeleça uma relação negativa de poder por parte do professor, um mau uso do lugar que este ocupa. Nesse sentido, Maria Aparecida Morgado (1989), em sua dissertação de mestrado, *Ensaio da sedução na relação pedagógica*, utiliza alguns conceitos psicanalíticos, procurando explicar o processo de sedução como um determinante do autoritarismo do professor, propondo uma relação pedagógica na qual:

os sentimentos eróticos e hostis não adquiram intensidade suficiente para se fazer representar na consciência. Isto é, uma relação na qual as intensas demandas eróticas e destrutivas sejam sublimadas à pulsão do saber, liberando as energias necessárias para a aprendizagem, de modo que na consciência apareçam apenas os sentimentos ternos de afeição e respeito. [...] a

violência do amor e do ódio se colocaria em resistência ao trabalho intelectual do aluno.

A práxis educativa está inserida numa estrutura social em que as dinâmicas emocionais se estabelecem, às vezes acomodando-se, às vezes adaptando-se e/ou transformando-se, interagindo com a realidade ideológica. Assim, Jurandir Freire Costa (1986), no campo da psicanálise e da psicologia social, em “Saúde mental, produto da educação?”, aponta que aspectos da ideologia normalizante como fenômeno social de nossa realidade educacional, muitas vezes não deixam margem para transgressão. Ele mostra, ainda, como a possibilidade da violência simbólica no ato de educar pode ser extremamente nociva. Mas insiste:

O alcance da violência simbólica no ato educativo não é o mesmo da interação emocional patogênica. A educação, mesmo quando violenta, respeita, por assim dizer, os valores do grupo social. Não por opção ou decisão do educador, mas porque a sua própria substância é composta de representações socializadas. Ninguém pode transformar a água em vinho, e quem só dispõe de água não pode fabricar vinho. (pp. 75-76)

Esses autores procuram discutir a interação e a relação emocional e/ou social da dinâmica professor-aluno. Mas é o professor especificamente como pessoa que sente, deseja, faz suas escolhas e envolve-se com a arte de formar que pretendo focalizar neste trabalho.

O que leva o professor a escolher esta profissão? Bohoslavsky (1980) afirma que a escolha profissional está relacionada com as primeiras figuras de identificação, identificações estas não

distorcidas, dependendo de uma boa integração dos objetos internalizados e da elaboração dos conflitos. Análise e síntese, frutos da integração das identificações, que permitem ao ego confrontar fantasia e realidade:

O confronto do ego com o mundo exterior, do conhecido com o desconhecido, do mundo adolescente com o mundo adulto, dos estudos do segundo grau com os universitários, etc., que o adolescente pode ou não ter realizado consigo mesmo. Portanto, quem escolhe, não está escolhendo somente uma carreira, está escolhendo “com que” trabalhar, está definindo “para que” fazê-lo, está pensando num sentido para sua vida, está escolhendo inserir-se numa área específica da realidade ocupacional. [...] A escolha da carreira supõe sempre a elaboração de lutos. Luto pela escolha secundária, luto pelo paraíso perdido da infância, luto pela imagem ideal dos pais, luto pelas fantasias onipotentes. O adolescente deve elaborar lutos por objetos que perde (colegas, professores) e luto pelo self: outros objetos, outras carreiras, sua onipotência etc. Um luto bem elaborado supõe que se possa tolerar os sentimentos de culpa face ao objeto e face a si mesmo experimentados em toda separação. Se é possível elaborar estes sentimentos de culpa, o ego não se entrega, e tem um progressivo desejo de viver, de lutar, de reparar os objetos perdidos. A autêntica reparação supõe sempre comportamentos sublimatórios; requer clareza quanto ao papel profissional e, reciprocamente, a reparação autêntica contribui para definir definitivamente a identidade ocupacional de quem desempenha o papel. (Bohoslavsky, 1980)

Cueli (1973) confirma as ideias trazidas por Bohoslavsky indicando que toda escolha profissional, enquanto meio de vida, implica uma repetição alicerçada inconscientemente na história das relações de objeto infantil do indivíduo, buscando sua reparação.

Nos processos de reparação estão envolvidos os processos de elaboração e contenção dos impulsos destrutivos. Searles (1981), no texto “O esforço para enlouquecer o outro”, levanta várias hipóteses no campo do mundo mental nas quais as atitudes humanas, aparentemente muito construtivas, colaboradoras, solidárias, lutam contra um grande desejo de levar o outro à loucura. E afirma que esse desejo de levar o outro à loucura, presente na escolha de uma profissão pelos terapeutas e analistas, faz parte da constelação da personalidade dos “seres humanos emocionalmente sadios”. Neste sentido, a paixão de formar não seria movida pela luta contra o desejo de deformar o outro? Penso que, na escolha profissional dos professores, também estão presentes sentimentos agressivos e hostis em relação aos objetos internos, que procuram ser reparados na paixão de formar, estando envolvidos no trabalho eterno ao qual se dedicam, obtendo alívio da doença psíquica, embora seja difícil para eles reconhecer a presença em si próprios desses desejos qualitativamente normais.

E o que é ser professor? O que envolve ser educador?

Demerval Saviani define a educação como uma atividade mediadora no seio da prática social global, considerando que a categoria de mediação é um conceito-chave, a partir do qual se pode explicar a natureza, seja da educação, seja, por consequência, do especialista em educação. Diz ainda que:

[...] a não consideração dessa categoria acaba por situar os chamados “especialistas em educação”, grosso modo, em dois extremos. Num extremo, estão aqueles

que dominam com relativa segurança determinada área do conhecimento (sociologia, psicologia, filosofia, história, economia) e, a partir dela, à luz de sua estrutura conceitual, abordam a educação. No outro extremo estão aqueles que, situando-se no interior de determinadas práticas pedagógicas, intentam apropriar-se de técnicas específicas, com vistas a garantir procedimentos sistemáticos e reiterativos que teriam o condão de assegurar a eficácia e a eficiência da atividade educativa desenvolvida por agentes que não dispõem da densidade teórica reclamada pela natureza complexa do fenômeno educativo. [...] Se os primeiros possuem certa consistência teórica ao preço de dissolver a especificidade das questões pedagógicas, os segundos guardam maior sensibilidade para com o especificamente pedagógico; a falta de consistência teórica, entretanto, não lhes permite ir muito além do nível do senso comum no trato das referidas questões pedagógicas. Entre ambos abre-se um fosso. Em nosso entendimento, a educação, enquanto atividade mediadora, situa-se exatamente nesse fosso. O espaço próprio da educação encontra-se na intersecção do individual e do social, do particular e do geral, do teórico e do prático, da reflexão e da ação. [...] O verdadeiro especialista em educação será aquele que, tomando como centro e ponto de referência básico a educação enquanto fenômeno concreto (isto é, a educação considerada no modo próprio como ela se estabelece mediatizando as relações características de uma sociedade historicamente determinada), seja capaz de transitar com desenvoltura do plano teórico (avaliando, reelaborando e assimilando criticamente as contribuições das diferentes áreas do conhecimento)

ao plano prático (elaborando, reformulando e criticando as técnicas de intervenção pedagógica) e vice-versa. (Saviani, apud Pimenta, 1981)

Penso que o campo deste trabalho se aproxima da proposta de Saviani na busca do verdadeiro especialista. No plano prático, procuro investigar, no relato dos professores apaixonados, o que os particulariza como mediadores apaixonados no processo de formação.

Sem dúvida, a referência a esses autores não esgota o campo das reflexões teóricas já existentes sobre a relação professor-aluno. Mas ela foi útil por apontar a inexistência de um trabalho de pesquisa de campo que retrate as emoções e a realidade vivida pelo professor apaixonado.

Passo agora ao item “Considerações sobre a paixão”, um diálogo com autores que contribuem à contextualização teórica do conceito de paixão: Mora e Lebrun, da filosofia, Alberoni, da sociologia, Aurélio, da língua portuguesa e, principalmente, Freud, Klein e seus seguidores, da psicanálise. O que se pretende aqui é possibilitar a compreensão de conceitos para o objeto deste estudo, trazendo uma contribuição psicanalítica à práxis educativa, embora não haja a pretensão de esgotar o tema, que, por si só, é inesgotável.

Considerações sobre a paixão

Neste momento, procuro buscar em vários campos, filosofia, sociologia e psicanálise, uma definição para paixão, em uma tentativa de encontrar contribuições para enriquecer o conceito de paixão de formar.

A paixão no campo da filosofia

Ao procurar o conceito de paixão no dicionário de filosofia, Mora (1987) insere-o na definição de amor:

Emprega-se o termo amor para designar atividades — ou efeito de atividades — muito diversas; o amor é interpretado como inclinação, afeto, apetite, paixão, aspiração etc. Outras vezes é considerado uma qualidade, propriedade ou relação. Fala-se de muitas formas de amor: amor físico ou sensual, amor materno, amizade, amor ao mundo, amor de Deus [...]. (p. 30)

E, assim, Mora caminha por autores como Stendhal, Lewis, Empédocles, Sócrates, Platão, Tomás de Aquino, até chegar a Jean-Paul Sartre.

Gostaria de ressaltar aqui, e por isso trago esta contribuição, que Mora define a paixão como um sentimento incluso no conceito de amor, confirmando a hipótese que levanto: não seria a paixão de formar um ato de amor?

Mora especifica a definição de amor intelectual, apresentando a contribuição de Spinoza à Ética: “A mente de Deus pode ser de modo que todas as sensações do corpo ou imagem das coisas se referem à ideia de Deus” (*apud* Mora, 1987, p. 37). Esta ideia aparece na fantasia dos professores que se comparam com a representação de Deus, que busca criar seus discípulos à sua imagem e semelhança. Este é um tema que procurarei discutir mais adiante, pois penso que o professor apaixonado seria aquele que é capaz de transcender este aspecto, renunciando à ideia de ter discípulos, permitindo que o outro se desenvolva e crie seu próprio caminho.

Gérard Lebrun (1987), em “O conceito de paixão”, faz um percurso no campo da filosofia, pesquisando vários autores. Procurei comentar algumas de suas ideias.

Lebrun inicia seu trabalho defendendo a ideia de Leibniz:

[...] prefiro dizer que as paixões não são contentamentos ou desprazeres nem opiniões, mas tendências, ou antes modificações da tendência que vêm da opinião ou do sentimento, e que são acompanhadas de prazer ou desprazer. (apud Lebrun, 1987, p. 17)

Essa definição da paixão está para Lebrun em conformidade com um hábito de espírito: paixão é sinônimo de tendência, de uma tendência bastante forte e duradoura para dominar a vida mental. Esse significado da palavra paixão possui o sentido etimológico de passividade, lembrado por Descartes no começo do *Tratado das paixões*:

Tudo o que se faz ou acontece de novo é geralmente chamado pelos filósofos de paixão, relativamente ao sujeito a quem isso acontece, e de ação, relativamente àquele que faz com que aconteça. (apud Lebrun, 1987, p. 17)

Penso que a ideia de tendência acompanha a ideia de movimento psíquico que utilizei para definir paixão de formar. É uma tendência que pode ser utilizada para processos destrutivos ou construtivos. Acredito que a paixão de formar seria uma tendência construtiva, prazerosa, que promoveria o desenvolvimento de si mesmo e do outro. Tendência também é um termo usado por Freud para designar forças inconscientes ligadas às pulsões de vida e de morte.

Partindo dessa noção, Lebrun estabelece correlações entre os temas da paixão e da doença-saúde, fraqueza-potência, ativo-passivo, mobilidade-imobilidade, petrificação-nostalgia.

A paixão é sempre provocada pela presença ou imagem de algo que me leva a reagir, geralmente, de improviso. Ela é, então, o sinal de que eu vivo na dependência permanente do outro. Um ser autárquico não teria paixões. A paixão é um dado do mundo sublunar e da existência humana. Devemos contar com as paixões, devemos até tirar proveito delas. São movimentos da alma, da natureza humana e não se trata de extirpá-los e nem condená-los. Um homem não escolhe as paixões; ele não é, então, responsável por elas, mas somente pelo modo como faz com que elas se submetam à sua ação. É deste modo que os outros o julgam sob o aspecto ético, isto é, apreciando seu caráter. Um juízo ético seria simplesmente impossível se não houvesse como regular as paixões. Sempre que eu ajo de modo a revelar meu caráter, meu comportamento emotivo entra sempre em jogo, pois os outros não dispõem de outro critério para julgar. Sem as paixões, também não haveria uma escala de valores éticos. [...] As paixões e as ações são movimentos contínuos, isto é, grandezas que podem ser divididas em partes menores e em graus menores, de tal forma que, quando ajo, sempre me é possível fixar a intensidade passional exata apropriada à situação. Esta escala passional é limitada. Há um grau além do qual nenhum ser humano pode suportar uma emoção e um grau de apatia abaixo do qual não há como descer (ausência absoluta do medo só existe para um deus ou para um animal). O homem virtuoso

não é aquele que renunciou às suas paixões, nem o que conseguiu abrandá-las ao máximo. [...] O homem virtuoso, ou bom, é o que aprimora sua conduta de modo a medir da melhor maneira possível e em todas as circunstâncias o quanto de paixão seus atos comportam inevitavelmente. (p. 19)

Acredito que a paixão de formar aproxima-se de uma ação do homem virtuoso e bom. O professor apaixonado seria aquele que aprimora sua conduta, dando vazão às suas paixões da melhor maneira possível.

Paixão e razão são indispensáveis, assim como a matéria inseparável da obra, o mármore, da estátua. Desse ponto de vista, Lebrun diz:

Ninguém é mais aristotélico do que Hegel na Estética, quando se esforça por distinguir o que os gregos entendiam por páthos e o que os modernos entendem por paixão. [...] A palavra páthos é de difícil tradução, pois paixão implica algo de insignificante, baixo, como quando dizemos que um homem não deve sucumbir às paixões. [...] Deve-se limitar o páthos às ações humanas e pensá-lo como o conteúdo racional essencial presente no “eu” humano, preenchendo e penetrando a alma inteira. (p. 22)

“Nada de grande se fez sem paixão.” Nestas famosas palavras de Hegel (*apud* Lebrun, 1987, p. 23), paixão não tem o sentido que lhe damos, por exemplo, na expressão “crime passional”.

A “paixão” de que se trata não é um impulso que nos leva, malgrado nosso, a praticar uma ação. Ela é o que dá estilo a uma personalidade, uma unidade a todas as suas condutas. (Hegel, apud Lebrun, 1987, p. 23)

A paixão, continua Hegel:

torna profundos os heróis shakespearianos. O páthos que os anima pode ser simples, como acontece com o amor entre Romeu e Julieta, mas nem por isso tem a monotonia de uma ideia fixa. Trata-se antes da tonalidade específica de suas condutas, da tensão que unifica seus atos — sem importar que situação estejam enfrentando. (apud Lebrun, 1987, p. 23)

E Lebrun diz o que Nietzsche revela-nos neste trecho da *Segunda consideração intempestiva*, que descreve a “injustiça” e a “cegueira” do páthos sem o qual não pode haver grandes realizações:

Que se represente um homem transtornado, arrebatado por uma paixão violenta por uma mulher ou por uma grande ideia: como o seu mundo se transforma. Se olhar para trás, sente-se cego. Se auscultar o que vem desta direção, só perceberá um ruído surdo e vazio de sentido; mas o que notará jamais lhe pareceu tão verdadeiro, tão próximo, tão colorido, tão luminoso, como se pudesse abarcá-lo com todos os seus sentidos de uma só vez. Todas as suas apreciações são modificadas e desvalorizadas. É o estado de espírito menos equitativo que há no mundo, estreito, injusto com o passado, cego às advertências, um pequeno turbilhão de vida no coração de um mar de trevas e esquecimento. (apud Lebrun, 1987, p. 23)

A paixão de formar, como procuro definir, foge do conceito patológico, irracional, do crime passional, mas se aproxima daquilo que dá cor, que torna profundo e verdadeiro o ato educativo. Lebrun continua:

[...] se a palavra paixão está solidamente associada à da repressão, é porque já representamos o lógos como uma lei, expressa por um mandamento que se dirige a todos, ignorantes ocultos — por uma injunção tão poderosa que todos os homens (iguais perante Deus e democraticamente iguais) seriam capazes de compreender pela mesma razão. No fundo, é essa interpretação legislativa do lógos que nos força a pesar toda paixão como um fator de desvario e deslize e a considerá-la de roldão como suspeita e perigosa. Se é necessário pensar o lógos como uma lei positiva, então os estoicos estão com a verdade: toda a paixão, desde o seu despertar, já infringe a lei que me constitui como um ser razoável, todas as paixões, na sua origem, já me conduzem para “fora de mim mesmo”. (p. 25)

E Lebrun cita Crisipo:

O sábio sofre a dor, mas não é mais tentado por ela: sua alma não se abandona mais a ela. Ele ainda sente a emoção, mas é suficientemente treinado a não enfrentá-la de maneira fantasiosa, jamais se deixando tragar por ela. Ele é como um ator experiente, que permanece sempre distante das peripécias do drama que representa. Não se trata mais de saber até que ponto conveniente deixar que suas paixões se extravasem. Seria absurdo pretender controlar a paixão e modular a

sua força, pois ela é sempre o sintoma de uma doença e não de uma reação inevitável a uma emoção. Nada se fez enquanto não se impossibilitou a alma de senti-las. A sabedoria é uma cirurgia das paixões. (apud Lebrun, p. 26)

Assim a consciência da ignorância é o princípio da sabedoria.

A paixão é viva, como é vivo o ato formativo, cheio de tensões construtivas e destrutivas. Penso que o professor apaixonado é aquele que sente suas emoções e busca, como o sábio de Crisipo, cirurgicamente, um canal menos conflitivo ou angustiante.

Os gregos de antes da decadência viviam com as paixões e não contra elas; eles não temiam deixar-se testar por elas. Lebrun cita Nietzsche:

Domínio das paixões e não enfraquecimento ou extirpação das paixões. Quanto maior é a força do querer, tanto mais liberdade damos às paixões. [...] Destruir as paixões e os desejos só por causa de sua tolice e para evitar suas consequências desagradáveis, parece-nos hoje uma manifestação aguda de tolice. Não admiramos mais os dentistas que extraem os dentes para que não incomodem mais. (apud Lebrun, p. 26)

Se é necessário recusar o ascetismo de tipo estoico, não é pelo fato de se pretender refrear as paixões, mas porque se pretende destruí-las, já que não consegue suportá-las e dominá-las. Porque descreve como doença o que é, na realidade, um teste de força.

A arte de formar apaixonadamente trata, então, de conceber e não destruir e reprimir suas paixões, trabalhando com as tensões (forças) inerentes ao processo educativo.

Diz ainda Lebrun:

Não seria mais razoável tolerar as paixões, nas quais ocorrem as junções da alma e do corpo, incorporá-las em nossa vida, em nosso dia a dia? [...] Se minhas paixões são elementos constitutivos de minha saúde mental, contrariamente ao que pensavam os estoicos, e se visamos integrá-las ao nosso comportamento em vez de aniquilá-las, então é necessário admitir que o adulto tido como normal, de agora em diante, é responsável por suas paixões e pelo mau uso que delas venha a fazer por “fraqueza”. Por que deveria uma sociedade condoer-se dos “fracos” — a menos que, naturalmente, ela tenha decidido considerá-los doentes? Mas se a paixão é tida como a causa da conduta, como o foco de exame ético através do qual devo mostrar a minha força, é impossível considerá-la uma doença que me coloca “fora de mim mesmo” e de recuperar o tema estoico. (p. 27)

Parece-me que o professor apaixonado se comportaria assim com suas paixões, responsabilizando-se por elas e possibilitando que irrompam, sendo criativo no ato de formar.

E Lebrun lembra Foucault: trata-se de um aspecto da modernidade distinguir o adulto são e normal, indagando-lhe o que ainda lhe resta de infantil, quais loucuras secretas nele habitam e que crime fundamental desejou praticar.

Como, então, salvaguardar a especificidade da paixão? Se se compreender que todo o comportamento do indivíduo tem suas raízes nas pulsões, cuja origem e natureza ele ignora, a paixão só pode ser um elemento

estranho em mim e não se trata mais de integrá-la na minha vida, mas somente de submetê-la a um tratamento que a enfraquecerá ou exorcizará. (p. 31)

Discordo dessa ideia de Lebrun, pois suponho que o ato criativo de formar tem origem nas pulsões primitivas, infantis. Seria um apropriar-se do brincar criativo infantil que irrompe na arte formativa. À medida que se tem conhecimento de suas paixões, não se deve domesticá-las, exorcizá-las ou enfraquecê-las, mas dar vazão de forma construtiva, ir atrás, buscar atender aos desejos do indivíduo, no sentido de tomar posse de um recurso natural próprio a todo homem.

As sociedades evoluídas tendem a não considerar mais as paixões como componentes do caráter de um indivíduo, que ele deveria governar, mas como um dos fatores de perturbação do comportamento, que ele é incapaz de controlar unicamente através de suas forças. Estamos então, é verdade, menos inclinados a culpabilizar o apaixonado, mas isso porque somos antes levados a considerá-lo doente. [...] No momento em que o herói perde a liberdade em relação a como lidar com suas paixões, não passa de um cliente em potencial para um terapeuta. [...] Todo homem com saúde é um doente que se ignora. (pp. 31-33)

Penso que a psicanálise é um trabalho de cura pelo amor. É na busca de possibilitar ao indivíduo a posse da própria capacidade de amar que a psicanálise caminha. E, na medida em que o homem pode conhecer suas limitações, sua doença, seus desejos, só então pode encontrar a fonte do amor e uma relação rica e produtiva com a vida. A psicanálise também não trata de domesticar

as paixões, mas de torná-las conscientes e possibilitar ao indivíduo que tome posse delas. É também a consciência dos próprios limites, da própria ignorância que permite a emergência da sabedoria de cada um como ser humano e não como Deus. Penso que, ao ignorar as paixões do homem, concebendo-as como doença, indiscriminadamente, a humanidade sai perdendo, pois é no cerne do coração dos indivíduos junto com a capacidade de elaboração que as paixões movem montanhas.

Considero relevante a revisão dos conceitos de paixão efetuada por Lebrun, pois recupera a naturalidade da paixão como uma pulsão própria do ser humano. Levanta questões sobre razão e paixão, saúde e doença do apaixonado e, de certa forma, recupera a paixão dentro da modernidade, mas desde que esta possa ser governada pelo indivíduo. A paixão como uma pulsão primitiva do ser humano, relacionada ao inconsciente, com pulsões que podem servir ao próprio homem e à vida, encontra resistência nesse autor, pois ele propõe que esta seja refreada e a vê como uma doença que deve ser exorcizada, não a possibilidade de ser elaborada e até de libertar o homem.

A paixão no campo da sociologia

Vou buscar o conceito de paixão no campo da sociologia, pois o formar é também um ato social, e é a contribuição de Francesco Alberoni (1988), em *Enamoramento e amor*, que me chama a atenção.

O enamoramento é definido por Alberoni como “um estado nascente de um movimento coletivo a dois” (p. 5), envolvendo a verdade e a autenticidade; é uma procura constante da mais genuína autenticidade de uma pessoa, um mergulho profundo dentro de seu próprio ser. Isso se obtém graças ao outro, ao diálogo com ele, ao encontro, no qual cada um procura no outro o reconhecimento,



Psicanalista e educadora, neste livro excitante, cuja leitura, uma vez nela iniciados, dificilmente paramos, Maria Cecília Pereira da Silva discute a "paixão de formar", sem a qual a prática educativa, banalizando-se num ritual de pura transferência mecanicista de conteúdos, termina por se transformar num exercício burocratizador. Num exercício, portanto, que, negando o anseio formador da prática educativa, o nega também.

A obrigação de lê-lo antes de qualquer leitor para poder sobre ele dizer algo virou experiência prazerosa, razão porque deixo aqui a sua autora o meu muito obrigado e a você, que agora o folheia, o convite para que o leia. Vale a pena fazê-lo.

Paulo Freire

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-450-6



9 786555 064506



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

A paixão de formar

Sobre o mundo psíquico do professor apaixonado

Maria Cecília Pereira da Silva

ISBN: 9786555064506

Páginas: 232

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2022
